

1 set. 1981, jornal de Notícias, Porto

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação Jornal de Notícias
Local Porto Data 01/09/81 Série _____ N.º _____

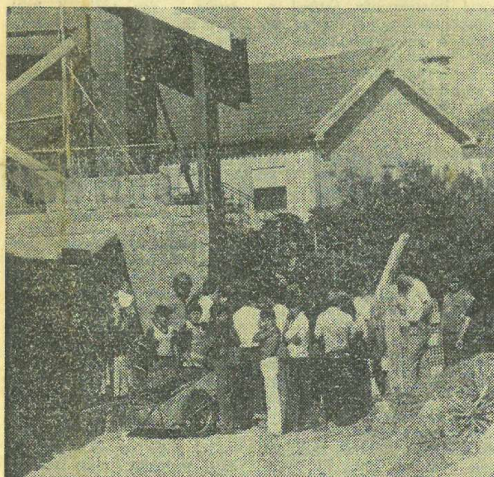
Emigrante fez obras sem aval camarário

TOCOU A REBATE NA APÚLIA PARA EVITAR UMA DEMOLIÇÃO

● «VITÓRIA» FESTEJADA COM MORTEIROS

Por ALÍPIO FERREIRA (texto)
e HENRIQUE MOREIRA (fotos)

A população da freguesia da Apúlia, no concelho de Espo-
sende, respondeu «presente!» ao toque a rebate da si-
neta da capela da Senhora da
Guia para se opor a uma or-
dem camarária de demolição
de melhoramentos introduzidos



Depois da retirada das forças da GNR e dos operários camarários, a população — onde se destacavam os pescadores —, manteve-se junto da casa candidata à demolição, comentando o sucedido.

numa habitação de um emigrante — feitos à revelia daquela autarquia —, operação que contou com apoio de um contingente de cerca de 40 efectivos da GNR, mas que não foi concretizada dada a oposição obstinada dos habitantes daquela estância balnear.

A demolição — tentada por três vezes — visava a habitação do emigrante (em França) Aurélio Alves Martins Cepa, para a qual a Câmara Municipal de Espo- sende enviou uma brigada de trabalhadores, apoiada por dois camiões e dois «Caterpillar's», tudo coberto por um contingente de sete jipes da GNR, onde se faziam transportar cerca de 40 dos seus efectivos estacionados em Barcelos, Braga e Espo- sende.

«Entraram ali dentro sem ordem de ninguém»

Visivelmente emocionada, Maria Nazaré, filha do emigrante, desabafou para a nossa reportagem: «Logo de manhã, deveriam ser oito horas, eles entraram por ali dentro, sem ordem de ninguém, tendo o meu pai dito para que não fizessem nada enquanto não chegasse o seu advogado, que, entretanto, chamara».

Com uma lágrima mal disfarçada ao canto do olho, Maria da Nazaré continua: «A vi-

zinhança começou a juntar-se, tendo havido uma pessoa que foi à igreja matriz para tocar o sino a rebate, mas o padre — que é tio do vereador Manuel Moreda, senhor a quem se deve toda esta chatice — não deixou, pelo que foi tocar o sino da capela da Senhora da Guia».

A residência de Aurélio Cepa e família foi construída há 11 anos. Precariamente, é cla-

projecto na Câmara há oito meses, mas lá ligaram-lhe tanto, que nem sabiam onde ele parava quando lá foi agora saber a resposta — afirmou Manuel Almeida da Quinta, outro emigrante com problemas semelhantes aos do seu cunhado Aurélio Cepa.

Em face do alegado desinteresse da Câmara em relação ao projecto, o emigrante — depois de aconselhado — resolveu

TEM A PALAVRA O SR. TENENTE!

Para um melhor esclarecimento dos graves factos relatados, tentámos obter a versão da GNR, diligência que não teve o menor êxito.

Cerca das 18 horas, em contacto telefónico com o comandante do posto de Esposende, fomos por este informados de que «não sabia de nada, já que, fora destacado, logo pela manhã, para vigiar um cruzamento na área de intervenção». Essa ordem — segundo disse ainda — fora-lhe dada pelo «senhor tenente de Barcelos», pessoa que coordenara toda a acção.

O contacto seguinte foi o comando da GNR de Barcelos, onde o plantão nos informou — eram 18,45 horas — que o «senhor tenente já ali não estava. Que deveria estar em casa». Indagámos do seu número de telefone, questão que recebeu do zeloso plantão esta resposta: «O sr. tenente não tem telefone em casa. Se quiser falar com ele, só amanhã (hoje), a partir das 9 horas, é que o pode encontrar aqui».

Feitas as necessárias diligências — sem êxito — não perderá o senhor tenente a oportunidade de dar a sua versão: tem a palavra o sr. tenente!

ro, como precária é a maioria das habitações da zona. A casa tornava-se extraordinariamente húmida por virtude das constantes infiltrações de água, a que a linha de água da construção não dava saída. Esta a razão fundamental das obras.

Mas o emigrante sabia que não poderia efectuar as obras sem autorização da Câmara. E pediu-a. Foi há oito meses... «O meu cunhado meteu o

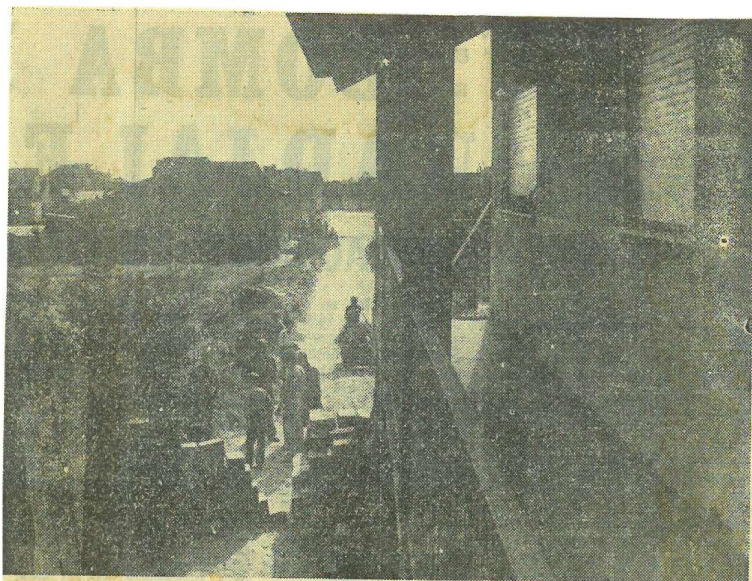
meter mãos à obra e, em dois meses, tinha os melhoramentos quase concluídos. E, nesta altura, entra a GNR...

... Que para bem desempenhar a sua «função» teve que usar «meios coercivos», deixando bons testemunhos no colapso produzido no proprietário da habitação, nas equimoses e hematomas exibidos pela esposa — Almerinda Almeida da Quinta —, que também des-

malou, e no derrube e agressões perpetradas nas pessoas de duas familiares da Almerinda, uma das quais, sua prima Maria Almerinda Martins, de 48 anos; exibia equimoses no braço esquerdo e um hematoma no joelho direito, que apresentava um inchaço. A irmã desta, Maria Teresa Almeida Martins, «foi agredida pelo cabo de Esposende — o «Chico Escuro» —, que lhe vibrou com o «cassetete» e está imobilizada, sem poder andar» — desabafou Maria Almerinda Martins.

Segundo o testemunho generalizado da população que ouvimos, apenas o cabo de Esposende (a quem denominam de «Chico Escuro») e mais duas praças utilizaram a violência para o «bom desempenho da sua tarefa».

Entretanto, Aurélio Cepa e sua esposa tiveram que ser as-



O alargamento da linha d'água da residência do emigrante pôs em xeque o plano, do vereador do pelouro do Turismo de Câmara de Esposende, de ligar a sua vivenda à residência do seu sogro...

sistidos no Hospital de Esposende, de onde Almerinda Quinta teve de transitar para um hospital do Porto, dado o seu estado inspirar mais cuidados, tarefa que foi executada pelos Bombeiros Voluntários de Fão.

Ligação directa a casa do sogro

A indignação dos habitantes da Apúlia contra uma ordem camarária que consideram injusta à que juntaram a que lhes transmitiu a actuação da GNR, entrou em decompressão — que culminou com o troar de uma dúzia de «morteiros» para comemorar —, e foi entre eufóricos e revoltados que nos contaram a história.

«Isto é uma máfia — quei-

xam-se ainda os moradores da praia piscatória da Apúlia —, está tudo entregue ao CDS. Eles é que dão as ordens e partem tudo por onde lhes convém. O vereador é sobrinho do padre, razão por que o CDS não precisa de ter sede, já que ela funciona no Centro Paroquial, enquanto o PS e o PSD tiveram que alugar edifícios para instalarem os seus serviços».

O emigrante julga-se com direitos, julga-se com direito a uma resposta a uma pretensão, resposta que, por não convir a alguns, se vai protelando indefinidamente até à desmobilização. Depois vêm as dúvidas quanto ao valimento das instituições, vêm as comparações, vêm os «testes» povo-GNR, vem o sistemático adextramento e vem a subversão do regime. Edepois, o que vem a seguir?